

Angústia global e transcrição local: sobre uma casa tech no Complexo do Alemão

Global angst and local transcription: about a tech house in Complexo do Alemão

João Maia

Professor do Departamento de Teoria da Comunicação da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Email: cac_mangueira@hotmail.com.

Rodrigo Rossi Morelato

Operador de câmera (DRT-19.795/RJ) e videomaker freelancer. Graduado em Cinema e Audiovisual pela UFF, é estudante de mestrado do PPGCOM-UERJ e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade - CAC. Possui interesse em temas como audiovisual, comunidade e sustentabilidade.

Submetido em: 31/08/2017

Aceito em: 03/11/2017

DOSSIÊ

RESUMO

Neste trabalho exploramos como a criatividade popular é capaz de realizar uma transcrição local de questões que permeiam o imaginário contemporâneo tendo como linha condutora as questões ligadas ao meio-ambiente e focando na casa de Dona Josefa, localizada no Morro da Esperança, Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. Partimos da banalidade do cotidiano evidenciada pela sociologia contemporânea para resgatar parte da história cultural da cidade, sobretudo no que tange a apropriação de suas águas, cujos usos podem ser entendidos enquanto vetores comunicacionais e culturais desenvolvidos por uma comunidade emocional: os verdejantes.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade; ambientalismo; comunicação; criatividade; globalização; Morro da Esperança

ABSTRACT

In this work we explore how popular creativity is able to carry out local transcriptions of the contemporary imaginary having as guideline environment-related issues and focusing on the house of Dona Josefa, who lives at Morro da Esperança, Complexo do Alemão, in the city of Rio de Janeiro. We start from the banality of everyday life as explored in contemporary sociology in order to rescue part of the city's cultural history, especially as regards the appropriation of its waters, whose uses can be understood as vectors of communication and culture developed by an emotional community: the "Verdejantes".

KEYWORDS: Community; environmentalism; communication; creativity; globalization; Morro da Esperança (RJ).

1. Introdução

Este trabalho é uma tentativa de se “narrar a cidade” (Canevacci, 2011) através de uma modulação dos agenciamentos (Deleuze, 1977 *apud* Caiafa, 2007) que compõem nossa pesquisa de campo na cidade do Rio de Janeiro tendo como linha condutora a auto-reflexividade (Giddens, 2002) manifesta por Dona Josefa, moradora da localidade Morro da Esperança, no Complexo do Alemão; onde a criatividade popular (Lattanzi & Maia, 2007) desenvolvida por uma “tribo” de relacionamentos (Maffesoli, 1998) se manifesta na transcrição local de diversos discursos e práticas ligadas às práticas alimentares e ao uso das águas que se espriam pela região metropolitana. Nossa metodologia tem se desenvolvido através da observação participante que implementamos nos arredores da Serra da Misericórdia, onde desenvolvemos nosso estudo etnográfico, desde meados do ano de 2015.

Se a segunda metade do século passado operou profundas rupturas nas relações entre as pessoas e seu meio — afinal “(...) comer deixa de ser objetivo principal da organização social para tornar-se um direito” (Poulain, 2004, p. 26) —, notamos também uma série de mudanças no cunho epistemológico acerca das concepções que concernem ao social, sobretudo naqueles debates ligados à mundialização.

Por um lado, a lógica pós-colonial “(...) desloca a história da Modernidade capitalista de seu centramento europeu para suas periferias dispersas em todo o globo” (Hall, 2003, p. 106) e insiste na pregnância dos processos de transcrição local enquanto chave de entendimento do viés cultural da mundialização; de outro, a sociologia contemporânea reabilita categorias outrora esquecidas como as do vitalismo, do sentido e do comunitarismo. Elementos que encontram rara confluência na obra de Michel Maffesoli e seu caminhar fenomenológico pelas “galerias do social”, que o autor descreve como constituintes de um “retorno do primitivo” sinergizado pela experiência moderna: pós-modernidade (Maffesoli, 2007).

Desse modo, o objeto de conhecimento da sociologia e sua circunscrição aos fatos sociais ganham nova roupagem e viço, estendendo-se para práticas antes consideradas “menores” como aquelas relativas às tradições, novidades, escolhas, negociações e, portanto, diversos empreendimentos envoltos no ato de se alimentar – na qual subsistem uma série de discursos de cunho cultural, sanitário

e ambiental como sugerem estudos contemporâneos (Allard-Huver apud Fumey, 2016).

2. Uma Angústia Global

Se uma nova face da mundialização estaria em curso desde os anos 1970, quando a difusão e aplicabilidade das tecnologias da informação se tornam presentes em praticamente todas as esferas da atividade humana – afinal, como considerar a presença das “tecnologias da vida” (Castells, 1999a, p. 92) como os pesticidas e organismos geneticamente modificados desde nossas mesas de jantar até as lavouras de pequenos agricultores familiares? –; ela se faz acompanhar por um certo holismo quanto da condição humana no planeta, afinal

O aquecimento global paira como uma ameaça mortal, as florestas tropicais ainda ardem em chamas, substâncias tóxicas ainda estão nos níveis mais elementares da cadeia alimentar, um mar de miséria absoluta ainda nega o direito à vida e os governos ainda brincam com a saúde das pessoas, como evidenciado com a irritação de Major à doença da vaca louca (Castells, 1999b, p. 142).

Insumo necessário a essa nova atividade produtiva da humanidade identificada na biotecnologia, a diversidade da vida onde se encerram os agora acessíveis segredos do código genético se encontra seriamente ameaçada. “Riquezas inexploradas” (Wilson, 1992) que desaparecem silenciosamente e a largos passos geraram grande impacto no campo das ciências naturais através de um profícuo debate sobre os grandes espasmos de extinção planetária e suas origens fortuitas – como a coincidência de uma série de erupções vulcânicas, o choque de nosso planeta com um imenso meteorito ou o sutil resfriamento das águas dos oceanos – que, na atualidade teriam origem provocada pela própria atividade humana no planeta e a destruição de um tênue equilíbrio da vida.

Surge com força o ambientalismo, o qual se expressa nessas “(...) formas de comportamento coletivo que, tanto em seus discursos quanto em suas práticas, visam corrigir formas destrutivas de relacionamento entre o homem e seu ambiente natural” (Castells, 1999b, p. 146). Empresas transnacionais

formam fundos de investimento, encomendas governamentais fomentam iniciativas, a sociedade civil se organiza em novos movimentos sociais, o custo ambiental da agroindústria é encarado como as origens de uma revolução vindoura no campo da alimentação humana (Fumey, 2016).

Grande frenesi cujo nenhum alarde é pouco, afinal

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície (Guattari, 1990, p. 7).

3. Fluxo Comunicacional: Iniciativa Estatal

Através da rede de internet wi-fi instalada em sua casa no alto do Morro da Esperança, Dona Josefa navega em seu smartphone e interage postando, comentando e compartilhando diariamente no Facebook diversos conteúdos que vão desde correntes de alerta sobre golpes aplicados por falsários, fotos de suas caminhadas com seus netos pelos arredores e matérias sobre meio-ambiente, preservação ambiental e cultivo de hortaliças. Foi através desse fluxo comunicacional¹ que tomamos conhecimento de uma iniciativa muito curiosa: a de uma casa que gera sua própria energia, reaproveita toda a água que consome e ainda produz alimentos, a NexusHouse², situada na Califórnia, Estados Unidos. Talvez aqui uma breve digressão seja interessante para entendermos algumas das questões sobre a transcrição local de práticas ambientalistas desenvolvidas em escala planetária.

Desde o ano de 2002, o Departamento de Energia dos Estados Unidos³ realiza bianualmente

¹ Desenvolvemos nosso trabalho de campo através da observação participante junto a uma “tribo” de relacionamentos autodenominada de “verdejantes” constituída por diversos moradores da Zona Norte do Rio de Janeiro, dentre os quais Dona Josefa – voltaremos a essa agregação social mais a frente. Por ora frisamos a atitude que norteia nossa pesquisa, de abertura para o outro, de valorização da experiência de “beira” que subsiste no “(...) corpo-a-corpo dos agenciamentos” (Caiafa, 2007, p.155). Essas multiplicidades e elementos diversos que compõem nossa relação com os verdejantes no geral e com Dona Josefa em particular se desenvolve também através das redes sociais virtuais, como Facebook, onde também somos “amigos” de Dona Josefa.

² <<http://ciclovivo.com.br/noticia/casa-produz-sua-propria-energia-reaproveita-toda-agua-e-produz-alimentos/>> (acessado em 27 de julho de 2017).

³ Ramificação do Poder Executivo semelhante ao que temos no Brasil enquanto Ministérios, é derivado do programa atômico americano (Manhattan Project) encarregado de questões de geração de energia e segurança relacionado às tecnologias termonucleares que, após a crise do petróleo (1973) foi reformulado pela administração Jimmy Carter (1977~1981) passando a gerir a produção energética do país e a fomentar pesquisas do campo energético e de combate ao aquecimento global. <<https://energy.gov/>> (acessado em 27 de julho de 2017).

uma competitiva de projetos universitários chamada Solar Decathlon4, cujo objetivo é incentivar jovens a

(...) desenvolver [no sentido amplo referido ao termo *design*] e construir casas abastecidas por energia solar. O vencedor da competição será o time que atingir a excelência no *design* e geração de energia com inovação, potencial de mercado e uso eficiente da água.

O Solar Decathlon é mais do que uma competição. É um processo de aprendizado para consumidores e proprietários na medida em que eles podem experimentar as últimas tecnologias e materiais relativos a eficiência energética, ao uso de tecnologias não-poluentes, soluções inteligentes para morar, conservação de recursos hídricos, veículos elétricos e construções sustentáveis.⁵

No ano de 2015 um dos finalistas da competitiva foi o projeto NexusHouse6, desenvolvido por estudantes da Universidade de Munique e da Universidade do Texas, cujo grande destaque se dá no uso sustentável que faz da água através da conjugação de processos de captação de água da chuva e reaproveitamento das “águas cinzas”⁷ produzidas pelos próprios moradores. Desse modo, a NexusHouse produz alimentos – sobretudo vegetais mas também peixes – e apresenta um consumo de água 90% menor em comparação com os modos tradicionais de uso do recurso necessário à habitação.

Essa moradia é portanto uma construção ecologicamente sustentável alinhada às demandas de reequilíbrio das relações entre as pessoas e a natureza que se utiliza do mais sofisticado instrumental disponível para a geração de energia e reaproveitamento da água, além de ter sido concebida através de uma iniciativa desenvolvida em rede com forte componente de inteligência coletiva e grande capital tecnológico à construção de seu protótipo.

Fina ironia ao perceber a coincidência de um projeto tão contemporâneo, fascinante, inovador

2017).

4 <<https://www.solardecathlon.gov/about.html>> (acessado em 27 de julho de 2017).

5 Tradução livre de “The U.S. Department of Energy Solar Decathlon is a collegiate competition of 10 contests that challenge student teams to *design* and build full-size, solar-powered houses. The winner of the competition is the team that best blends *design* excellence and smart energy production with innovation, market potential, and energy and water efficiency”.

Solar Decathlon is more than a competition. It’s an intensive learning experience for consumers and homeowners as they experience the latest technologies and materials in energy-efficient *design*, clean energy technologies, smart home solutions, water conservation measures, electric vehicles, and sustainable buildings.” Disponível em <<https://www.solardecathlon.gov/about.html>> (acessado em 27 de julho de 2017).

6 Disponível em <<http://www.nexushaus.com/project/>> (acessado em 27 de julho de 2017).

7 As “águas cinzas” são os dejetos produzidos pela moradia humana através do uso da água – como o uso da água para banho ou lavagem de louças e roupas, excluindo-se as águas dos sanitários, chamada de «águas negras».

e dispendioso com a discreta casa de Dona Josefa, no alto do Morro da Esperança, que talvez não deixe nada a desejar perante o ambicioso projeto transnacional financiado pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos, afinal, segundo sua proprietária

Na minha casa tem captação de água de chuva... Vai ser instalado também o aquecedor solar, que é a água já sai quente pra gente... Tem a horta também... Eu aproveitei um espaço lá atrás e plantei milho, plantei coentro... Cheguei até a vender coentro... Cheguei a doar couve pras pessoas, tomate... As pessoas tão vendo isso e querem fazer nas suas casas também... (Dona Josefa em depoimento para o vídeo "Pega Visão – Bate Papo com Dona Josefa"⁸).

No que tange, portanto, a aplicabilidade de pressupostos ambientalistas necessários a remediar as relações destrutivas que tecemos com o planeta, a casa de Dona Josefa apresenta algumas soluções forjadas no tempo e no localismo no qual destilam e enraízam suas práticas. Cabe uma investigação sobre esses processos de transcrição local de debates que concernem a mundialização para entendê-las. Para tanto, tomamos um atalho a partir da confluência local/global que mencionamos através do caminho das águas.

4. Dos Usos Das Águas

Pensar a questão das águas levando em consideração mais do que sua ausência ou abundância, mas o "(...) trabalho milenar de encontrá-la, extraí-la, transportá-la e acondicioná-la. Gestos preciosos [que] estavam ligados a seu uso" (Del Priore, 2016b, p. 179) é refletir sobre relações que estabelecemos com esse líquido, talvez um pressuposto para entendermos parte da história cultural da cidade do Rio de Janeiro, a qual se situa num curioso encontro de águas.

A grande depressão geográfica repleta de água salgada, a Baía da Guanabara, escolhida pelos franceses para a edificação de sua empreitada antártica no século XVI, contava com uma abundância de fontes de água que incluíam rios, lagoas, braços de mar e baías que contabilizam ainda na atualidade um enorme escoamento de água doce (cerca de 200m³/s através dos cinquenta e cinco rios que nela

8

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8QT2ZH2yhj8>> (acessado em 27 de julho de 2017).

vêm encontrar o mar) 9.

Expulsos os franceses por volta de 1570, dá-se o início da construção da cidade sob os moldes portugueses, os quais escolhem uma elevação natural para maior proteção quanto a futuras investidas inimigas: o Morro do Castelo. Segundo Cavalcanti, essa escolha é interessante para pensarmos as questões dos usos da água na cidade, afinal "(...) a cidade que se instalara no alto do Morro do Castelo carecia de qualquer fonte natural, obrigando os moradores a abrirem poços com muita profundidade, tarefa bastante dispendiosa" (Cavalcanti, 2004, p. 34). E complementa, ao narrar o Rio de Janeiro do século XVIII, quando a cidade se espalhou para além de seus limites originais:

A partir do momento em que a cidade passou a ocupar a planície, tornou-se mais fácil encontrá-la [a água através de poços], pois, nessa circunstância, a água aflorava em poços de pouca profundidade. Tal comodidade, porém era descompensada pela má qualidade do líquido captado, pois na baixada perdia em potabilidade e gosto, apresentando-se geralmente como salobra. Convinha continuar buscando-a no distante Rio Carioca, essa sim, plenamente potável. (Cavalcanti, 2004, p. 34).

O Aqueduto da Carioca¹⁰, ainda de pé no bairro da Lapa, enuncia cotidianamente aos cariocas e visitantes questões de outros tempos, quando a cidade teve sua primeira iniciativa para preservação de suas águas¹¹.

Abastecidos pelo Rio da Carioca, de certo modo canalizado, ou por pequenas obras em olhos d'água dispersos pela cidade, vários chafarizes são construídos ao longo dos séculos XVIII e XIX, abastecendo a já considerável população da cidade¹². Passam os chafarizes, presentes na cidade até meados do século XX¹³, grande ponto de encontro e sociabilidade entre moradores da cidade

9 <<http://www.comitebaiadeguanabara.org.br/>> (acessado em 28 de julho de 2017).

10 Segundo Cavalcanti, uma primeira versão do aqueduto teria sido construída em madeira, posteriormente substituído pela construção que conhecemos hoje.

11 A grande visibilidade do Aqueduto da Carioca, ou Arcos da Lapa esconde, segundo Cavalcanti, o destino de suas águas. Da época de sua construção, uma rigorosa legislação ambiental teria sido imposta para a preservação do Rio da Carioca, impedindo o desmatamento do verde ciliar e sua captação por particulares. Atualmente, o rio que durante séculos abasteceu de água a cidade corre escondido sob galerias e desemboca, fétido e poluído, ao final do Aterro do Flamengo.

12 O primeiro recenseamento geral sobre a população da cidade Rio de Janeiro data de 1872, quando esta contava com 274.972 habitantes (Santos, 2013, p. 153).

13 "As obras para o fornecimento de água encanada diretamente para as casas tiveram início na segunda metade do século

— frequentemente escravos, aos quais competia a coleta de água até a abolição e, posteriormente, “agueiros”, que a revendiam em diversos pontos da cidade, mas também lavadeiras, que desenvolveram um formidável setor de serviços (Del Priore, 2016b, p. 187) ainda em épocas de Império. Esse ponto de encontro, dada a longa espera para a coleta do líquido, era frequentemente espaço de confrontos, fato que levou inclusive à implementação de patrulhas públicas.

Na segunda metade do século XX, a estruturação da rede de abastecimento e saneamento das águas da cidade conheceu franca expansão por parte do poder público. Obras de captação de água de rios cada vez mais distantes como o Rio Guandú e o Rio Paraíba do Sul; novos reservatórios, adutoras e galerias foram construídas por toda a cidade formando uma rede desenvolvida em etapas que, por questões históricas quanto à formação da cidade — suas formulações institucionais enquanto de Sede da Corte, Distrito Federal, Estado da Guanabara e, finalmente, capital do Estado homônimo — nunca promoveram uma integração necessária para o pleno abastecimento e sanitização das águas que percorrem a região metropolitana e as várias bacias hidrográficas que desaguam na Baía de Guanabara.¹⁴

Abastecimento inconstante e escoamento insuficiente das águas pluviais ou sanitárias talvez chamem mais atenção em favelas, como o Morro da Esperança, onde a criatividade local se desenvolve devido à necessidade de morar, construindo um sistema próprio de difusão de águas da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio (CEDAE)¹⁵ e de escoamento de dejetos, muitas vezes a céu aberto ou despejado nas tortuosas galerias pluviais que cortam os subterrâneos da cidade¹⁶. A casa de Dona Josefa, casa de uma “verdejante”, possui uma série de soluções criativas para esses problemas da cidade.

XIX. Em 1876, a cidade contava com apenas 7.066 casas e propriedades com ligação direta, enquanto havia 47 chafarizes e 861 pilastras com torneiras e bicas nas esquinas e nas praças” (Del Priore, 2016b, p. 186).

14 “O estado é omissivo... Quem conhece um pouco da história da construção do Estado do Rio de Janeiro se lembra do que era o Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro... E houve a fusão (1975)... E todas as políticas públicas pensadas até hoje elas ficam muito circunscritas até a Pavuna...”. Yoshiharo Saito em depoimento para o vídeo “Jogos da Exclusão” (arquivo pessoal) produzido durante um fórum de movimentos sociais, dentre os quais participou o “Verdejar”, sobre o “Legado Olímpico” deixado pelas grandes obras na cidade no passado recente.

15 O sistema de distribuição de águas da cidade, sobretudo nas favelas, não é constante. Em dias alternados a companhia faz um “giro” das adutoras de bombeamento de água para abastecer os reservatórios. Nos dias de fornecimento, é comum ver gotejar a água que percorre os canos que sobem o morro num emaranhado proveniente de uma incursão feita na tubulação de maior pressão que corre sob o asfalto.

16 Construído em diferentes etapas, o sistema de escoamento das águas pluviais da cidade conta com mais de 7.910 km de extensão e diversas capacidades de vazão. O despejo de esgoto nesse sistema, além de provocar a poluição em praias e na baía da Guanabara com “águas negras” que deveriam passar por um tratamento específico, é um dos principais causadores dos entupimentos que, periodicamente, levam a enchentes em mais de vinte e sete pontos da cidade. (O Globo, matéria *Por dentro da rede* [jornalista Selma Schmidt], publicada em 02.07.2017).

Talvez seja o momento de falar um pouco mais do que entendemos enquanto “os verdejantes”.

5. Da Força do Lugar

Ao contemplar a velha baía / me lembrava da baía que ali jazia / na qual muito mais vida havia para se contemplar / mas, porém, todavia / a baía que não é mais aquela que tão bem vivia / mesmo nesse estado de agonia / ainda é a esposa do mar / que dias após dias / em noites ou temporais / em seu manguezais / formas (de)vidas vem fecundar. / Água, nabará! Água nabará! / Esposa fértil do mar! / Aquecida pelo sol... / Anfitriã das águas de seu arredor / seres humanos, intrusos, te fazem tanto mal! / Água, nabará, se assim continuar, pode parcer demais / que num dia de raios tempestuais / e labaredas infernais / até os seres das profundezas abissais / virão te ajudar... / Água, nabará! / Nabará! / Nabará! / Um nativo daqueles belos dias / se é que nesses nossos tristes tempos ainda vivia / esses gritos assim traduziria: / fogo! Fogo! Fogo! / Ah... Guanabara. (Poesia *A Guanabara*, 1990, autoria de Luiz Poeta¹⁷).

Narrativas que circulam pela Serra da Misericórdia¹⁸ informam que ao longo dos anos 1990 um morador da comunidade Sérgio Silva (bairro Engenho da Rainha), carpinteiro de profissão, começou a desenvolver uma série de atividades preservacionistas naquele grande e degradado espaço. Inicialmente restrita à coleta do lixo despejado nos entornos da mata, essas ações protagonizadas por Luiz Carlos Marins (1957~2011), o Luiz Poeta, ganharam maior alcance e diversidade à medida em que outros moradores da comunidade passaram a se envolver com essas práticas, seja realizando caminhadas e a manutenção das trilhas que cortam esse maciço, constituindo um eco-limite com formato de horta comunitária entre a favela e o remanescente verde (Maia & Morelato, 2017a), realizando acampadas e brigadas para combater os incêndios muito comuns no mês de junho – época de secas e balões – ou realizando uma série de encontros, festas, celebrações.

Essas experiências compartilhadas pelos moradores desse enorme espaço acabaram por gerar a valorização do sentir em comum, dos laços sociais e das aparentemente banais possibilidades de

17 Disponível em <https://www.verdejar.org/poesias> (acessado em 28 de julho de 2017).

18 A Serra da Misericórdia é o último fragmento verde da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Localizada na área mais populosa da cidade (Área de Planejamento 03) é cercada por vinte e seis bairros dentre os quais cinco complexos de favelas.

um “estar-junto” (Maffesoli, 1998); processos identificados como parte de uma desindividualização do social e com a sedimentação de novas formas de vida comunitária (Maia & Morelato, 2017b). Trata-se dos “verdejantes”, uma “tribo” de relacionamentos (Maffesoli, 1998).

Em regiões menos próximas do centro da cidade, como nos entornos da Serra da Misericórdia, onde se instalavam alguns engenhos¹⁹ e começavam a se desenhar os trilhos das estradas de ferro a partir da Estação Dom Pedro II, a coleta da água era provavelmente feita a partir dos rios que desciam das encostas, como Rio Timbó, presente nessa parte da cidade e assim chamado devido às técnicas de pesca indígena a partir de um cipó que ali se encontrava (Silva, 2015) que, macerado e embebido na água dos rios, era utilizado para entorpecer os peixes e facilitar sua captura²⁰.

Entender a força de um lugar é compreendê-lo enquanto um espaço praticado (Certeau, 1998, p. 200) de acordo com os usos, apropriações e histórias tecidas no cotidiano daqueles que o habitam, falar dos modos como os moradores dos entornos da Serra da Misericórdia lidam com a água que escorre pela montanha talvez seja um caminho interessante a se percorrer. Se as pequenas nascentes e olhos d’água que ainda existem nesse remanescente verde não são utilizados para as tarefas domésticas, elas são apropriadas pelos moradores para o lazer e para a manutenção de pequenas hortas domésticas.

Sempre no período de férias escolares, por exemplo, Dona Josefa leva a caminhar pela mata seus cinco netos, aos quais se agregam outras crianças da comunidade: vão em busca do “laguinho”, um pequeno olho d’água que se empoça no alto da Serra e, sobretudo nos dias de calor, se converte a busca numa aventura refrescante.

De fato, não é apenas Dona Josefa que tece esse tipo de relação com as águas e o verde próximos a sua casa. No ano de 2010, as atividades de uma série de mineradoras atuantes na Serra da Misericórdia atingiram o lençol freático e fizeram ali nascer um grande lago, por uns chamado de o “Lago Azul do Complexo do Alemão”²¹. Dádiva da Natureza, esse acontecimento fez manifestar-se o vitalismo de uma comunidade emocional que, através caminhadas, coleta de lixo, plantio de árvores e diversas celebrações tentou fazer ouvir seu grito: o lago é nosso.

19 O bairro do Engenho da Rainha, onde se situa a Comunidade Sérgio Silva, a qual estudamos, guarda em sua toponímia referência a esse período. Situado nos entornos da Serra da Misericórdia, foi nesse espaço ao mesmo tempo abundante em águas necessárias à atividade açucareiras e próximo a uma estrada de ferro já existente, que Carlota Joaquina (1775~1830) estabeleceu um engenho cuja casa grande ainda está de pé no atual bairro de Inhaúma (antiga Freguesia de Inhaúma).

20 Essa técnica teria sido desenvolvida pelos índios e incorporada ao cotidiano dos brancos (Del Priore, 2016a)

21 <<https://www.youtube.com/watch?v=anmYJT6swec>> (acessado em 28 de julho de 2017).

Esse lago, surgindo, veio nos fortalecer... Então a gente agradece mais uma vez à Natureza que nos surpreendeu e veio nos dar força para continuar na reivindicação do Parque Ecológico... Esse lago realmente é uma maravilha... Esse lago já tem peixe aí, a gente já viu pato aqui dentro hoje... A Natureza sempre nos surpreendendo... O que nos resta agora é só gritar “o lago é nosso” né? (Luiz Poeta, em depoimento para o curta-metragem O lago é nosso [8min], 2010, dir: Renato Tutsi e David Amen).

Assim como outros “verdejantes”, Dona Josefa, partilha desse “estar-junto” que forma sua “tribo” de relacionamentos e tem no amor ao lugar uma característica fundante de suas práticas que também envolvem a transferência de saberes sobre um justo trato com a água, o verde e os alimentos.

É curioso, né? É um material que vai ser jogado no meio ambiente... Pra estragar as águas dos rios... E uma vez eu vinha caminhando ali por Nova Brasília... E presenciei um fato que, assim... Me chocou porque um empregado daquela instituição ali... Veio com um balde de óleo e simplesmente abriu um... Como se chama...? Bueiro? E despejou aquele galão de óleo... E eu fiquei, assim, até pensando de manter em contato com ele pra não jogar aquele óleo lá porque eu faço oficina de sabão... E as mulheres ficam me perguntando como é que faz... (Dona Josefa, em depoimento para o vídeo Bate-papo com Dona Josefa22).

As práticas dessa “tribo”, que envolvem caminhadas periódicas pela mata, o plantio de árvores, o manejo de trilhas, a realização de mutirões em hortas comunitárias e o desenvolvimento de sistemas de captação de água da chuva, aquecedores solares, encontros para a produção de sabonetes e diversas celebrações têm origem nesse sentimento de amor ao lugar, experiências cristalizadas no “estar-junto” que geram uma série de saberes a fundamentar uma cultura, afinal

As experiências são muito boas né? Porque a gente traz uma bagagem para nós mesmos... E para poder ensinar pra alguém também... Hoje eu tô aprendendo, mas quem sabe um dia eu não posso ensinar pra alguém? (Dona Josefa, em depoimento para o vídeo Bate-papo com Dona Josefa23).

22 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8QT2ZH2yhj8>> (acessado em 28 de julho de 2017).

23 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8QT2ZH2yhj8>> (acessado em 28 de julho de 2017).

6. Transcrição Local: Uma Casa Tech Pós-Colonial

Refletir sobre os processos de mundialização sem levar em consideração o papel ativo das pessoas pode levar a um entendimento de que uma grande homogeneização ameaça a existência das culturas locais. Nesse sentido se desenvolve o estudo sobre a criatividade popular nas favelas do Rio de Janeiro, em especial na favela da Mangueira, (Lattanzi & Maia) e também a metáfora gráfica desenvolvida por Hall que recoloca a questão da mundialização segundo uma lógica que valoriza os saberes locais ao afirmar que

O eixo “vertical” do poder cultural, econômico e tecnológico [da globalização] parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças “locais”, as quais o “global-vertical” é obrigado a considerar (Hall, 2003, p. 57).

Aqui se abre a chave de entendimento para os processos de transcrição local dos discursos ambientais cuja coloração particular gostaríamos de destacar através do contraponto entre uma casa sustentável “ideal” desenvolvida através do projeto NexusHouse e outra, talvez tão ecologicamente alinhada às necessidades de preservação do mundo, a pequena casa de Dona Josefa.

No alto da escadaria que corta o Morro da Esperança, a pequena casa de Dona Josefa possui cinco cômodos – uma varanda, uma sala, um quarto, cozinha e banheiro – e uma pequena área externa anexa, onde se localiza a lavanderia composta de um tanque, uma máquina de lavar e um pequeno varal para secar roupas. Aos fundos da casa, um espaço outrora vazio conta hoje com uma horta que se renova periodicamente; a partir da laje uma calha improvisada recolhe a água da chuva que, filtrada por uma tela, vai encher uma caixa d’água auxiliar com a capacidade de cinco mil litros; está em construção um sistema de aquecimento solar composto de antigos tonéis de metal cortados ao meio e pintados de preto que, atravessados por canos que saem da caixa d’água principal, fornecerão água quente diretamente no chuveiro de sua casa.

Diferentemente do projeto fomentado pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos —

constituído segundo uma lógica estratégica que parte de um projeto específico já estabelecido através da institucionalização estatal, fundos de fomento, competitivas internacionais que ativam a inteligência coletiva —, a sustentabilidade da casa de Dona Josefa tem sido construída através de ações táticas derivadas das oportunidades que o espaço e as práticas coletivas possibilitam: num espaço vazio uma horta; do reaproveitamento de materiais um aquecedor; da solidariedade dos demais verdejantes a mão-de-obra necessária para a instalação de uma calha...

Através dessas ações sucessivas a partir daquilo que começou como uma pequena horta feita nos fundos de sua casa, Dona Josefa tem transformado sua casa numa moradia ecologicamente sustentável que se ampara numa bricolagem de saberes, recursos e ações constituídas através dos saberes coletivos dos verdejantes que, no fundo, derivam de um desejo: a preservação das águas e do verde que se refugiam na Serra da Misericórdia.

7. Considerações Finais

Acreditamos haver no imaginário contemporâneo um sentimento apocalíptico relacionado à questão ambiental. É curioso que esse sentimento se desenvolva na medida em que a diversidade da vida no planeta, ameaçada, se torna uma das “matérias primas” para uma nova etapa do desenvolvimento identificado nas “tecnologias da vida”.

Neste trabalho realizamos um elogio à criatividade popular uma vez que pensamos que, ao invés de constituir-se num processo de homogeneização total e destruição completa das culturas locais, os processos de mundialização devam ser entendidos segundo uma lógica cultural de transcrição e recombinação que leva em consideração o protagonismo das pessoas e a força das culturas nas quais esses processos se desenvolvem. Optamos por apresentar essa reflexão através de parte da história cultural de nossa cidade através dos usos conhecidos e inovadores que seus habitantes fazem das águas que a atravessam.

O amor ao lugar e o reconhecimento de sua força desencadeia trajetórias, práticas e saberes que tecem culturas e identidades, elementos que compõem a comunidade, como tentamos aqui ilustrar

com o caso da coletividade verdejante que, dispersa por um remanescente verde da cidade do Rio de Janeiro, faz resistir esse espaço que muitos desconhecem.

No caso específico de Dona Josefa, moradora do Morro da Esperança e componente da coletividade “verdejante”, notamos como a criatividade local se exercita através das brechas relativas às possibilidades de viver próximo ao verde. A bricolagem que a criatividade local opera através da bricolagem de tecnologias e saberes faz de sua pequena casa no alto do morro uma moradia sustentável, muito alinhada com as concepções contemporâneas que circulam pelo debate ambientalista.

Referências bibliográficas

ALLARD-HUVER, François. Émergence de nouvelles pratiques alimentaires et controverses. In: FUMEY, Gilles (org.) L'Alimentation demain: cultures et médiations. Paris CNRS Éditions, 2016.

BUBER, Martin. Sobre a comunidade. São Paulo : Perspectiva, 2012.

CAIAFA, Janice. Aventura das cidades: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro : Editora da FGV, 2007.

CANEVACCI, Maximo. A cidade polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2011.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede – volume 1: a era da informação: economia, sociedade e cultura – volume 1. São Paulo : Paz e Terra, 1999a.

_____. A sociedade em rede – volume 2: o poder da identidade. São Paulo : Paz e Terra, 1999b.

CAVALCANTI, Nereu. O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. Jorge Zahar Ed. : Rio de Janeiro, 2004.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Editora Vozes, 1998.

CUIN, Chares Heny & GRESLE, François. História da Sociologia 1 – antes de 1918. Petrópolis : Vozes, 2017.

_____. História da Sociologia 2 – depois de 1918. Petrópolis : Vozes, 2017

DEL PRIORE, Mary. Histórias da gente brasileira: volume 1 : colônia. São Paulo : LeYa, 2016.

_____. Histórias da gente brasileira : volume 2 : império. São Paulo : LeYa, 2016.

FUMEY, Gilles (org.). Présentation générale: l'alimentation comme médiation avec le monde. In: L'alimentation demain: cultures et médiations. Paris : CNRS Éditions, 2016

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editores, 2002.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas : Papyrus, 1990.

HALL, Stuart. Da Diáspora – identidades e mediações culturais. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2003.

LATTANZI, Ana & MAIA, João. Territórios de criatividade. Porto Alegre : Revista Famecos, 2007.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. – 2a Ed. – Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1998.

_____. O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro : Record, 2007.

MAIA, João & MORELATO, Rodrigo Rossi. Eco-limite: tática fundante do cotidiano. Santo Amaro da Purificação : ENICECULT, 2017a (disponível em <http://enicecultufrib.org/ocs/index.php/enicecult/index/schedConfs/archive>).

_____. Horta na laje: comunidade e identidade. Salvador : ENECULT, 2017b (no prelo).

POULAIN, Jean-Pierre. Sociologias da alimentação – os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis : Editora da UFSC, 2004.

QUITANEIRO, Tania (org.).Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2002.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Rafael Freitas da. O Rio antes do Rio. Rio de Janeiro : Babilônia Cultural Editora, 2015.

WILSON, Edward O. Diversidade da Vida. São Paulo : Companhia das Letras, 2012.